

LITERATURA INFANTIL: J. SARAMAGO, J. BORGES,
O LAGARTO E O DEVIR-CRIANÇA

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)
luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

A experimentação da imagem na literatura infantil, por meio da filosofia aberrante de Gilles Deleuze, instiga o autor, o leitor e o escreitor, no caso da ciberliteratura, a atravessarem e a fugirem dos clichês; estimulando-os na direção de criações e de leituras transdutivas, por meio de capturas e de agenciamentos metaestáveis – cheios de energia. Na obra “O Lagarto”, José Saramago e J. Borges alcançam o devir-criança ou o flunar nômade da vivência criativa da imagem-devir. De fato, na profusão das imagens, tanto verbais quanto não verbais, da obra, não estamos perante a criação de novos indivíduos, mas antes perante o encontro entre imagens, ou seres, que continuam a diferenciar-se durante a narrativa, ou durante o devir, sem a possibilidade de síntese, sem compreensão hermenêutica fechada. Daí, o lagarto, ora verde, ora vermelho, ora preto, ser constituído como um sistema tenso, sobressaturado por cima do nível da unidade, no qual o excesso se apresenta como desejo e como beleza – como metamorfose-criança. Dessa forma, o agenciamento linguístico técnico se adiciona aos agenciamentos imagéticos visuais numa disjunção inclusiva em que fluxos de afetos, de cores, de linhas se compõem na direção do devir-criança, criando sentidos, valorizando a diferença e permitindo que a imagem-tempo ocorra num emaranhado de platôs, sem o domínio do tempo empírico e sem encadeamentos puramente racionais, ao menos na conjunção do visual com o verbal. Trata-se de pesquisa cartográfica que conjuga investigação bibliográfica, documental e criativa, objetivando a produção de leituras e de criações de obras dirigidas ao público infantil.

Palavras-chave:

Devir-Criança. Filosofia aberrante. Literatura Infantil.

ABSTRACT

The image experimentation on children’s literature, through Gilles Deleuze aberrant philosophy, instigates the author, the reader and the writer-reader, on the case of cyber literature, to go across and to run away from the clichés; stimulating them towards the direction of creation and of transductive reading, through captures and metastable assemblages. On the work “O Lagarto”, José Saramago and J. Borges reach the become-child or the nomadic flank of the image-to-become’s creative experience. In fact, on the profusion of images, verbal and non-verbal, of the work, we are not towards the creation of new individuals, but previously towards the encounter of images, beings, that continue to get differentiated during the narrative, or during the to become, without the possibility of synthesis, without the closed hermeneutical understanding. There so, the lizard, sometimes green, sometimes red, sometimes black, to be constituted as a strained system, supersaturated above the level of the unity, in which the excess present sit self as desire and as beauty – like the child-metamorphosis. This way, the technical linguistic agency add sit self to the visuals

imageries agencies in an inclusive disjunction in which flows of affections, of colors, of lines compose in the direction of the become-child, creating senses, valuing the difference and allowing that the time-image occurson a tangle of plate aus, without the domain of empiric time and without purely racional enchainments, at least on the conjunction of the visual with the verbal. This is about a cartographic research that combines bibliographic, documental and creative investigation, aiming the production of readings and the creations of works addressed to the children public.

Keywords:

Become-child. Aberrant Philosophy. Children literature.

1. Introdução

A literatura infantil permite voos admiráveis, não pela interpretação como ação hermenêutica que busca representações e sentidos, mas pela experimentação que almeja apresentações e devires – pela vivência transdutiva do ser; ora ser é devir, como atestam constantemente em suas obras Gilbert Simondon e Gilles Deleuze, donde ler também é devir.

Daí, trazermos neste texto nossos agenciamentos a partir da experimentação da literatura infantil, para que leiamos de fato e de fenômeno, produzindo sentidos e energias; neste caso, tendo como fonte as experimentações e devires vivenciados pelo encontro com o conto/crônica *O Lagarto*, de José Saramago e J. Borges, apresentaremos nosso encontro, ou nossa conjunção, com corpos sem órgãos, que se constituem verdadeiramente como línguas com ovos, sendo a língua-ovo a expressão da criança ou do artista ou de todo aquele que experimentar o devir por fases.

2. Experimentações e devires

E o que serão essas apresentações e esses devires?

Expliquemo-los, inicialmente, pelo seu contraponto, ou seja, pela presença constante de clichês em nossa comunicação cotidiana, calcados sempre no regime sensorio-motor das imagens narrativas (para Deleuze, as imagens narrativas têm o nome de imagens-movimento).

As três primeiras ilustrações de nosso artigo foram criadas para a cartilha *Coronavírus – vamos nos proteger*, do SUS e do Ministério da Saúde, do governo brasileiro; nelas, podemos perceber o uso e a função das imagens que optam pelos clichês. Os lugares-comuns desses tipos de imagens servem para deixar a leitura simples e direta, talvez até simpló-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ria, em alguns casos. Assim, os clichês das imagens-movimento – as imagens que são criadas dentro do regime sensorio-motor, com concisão espaço-temporal, estabelecem-se a partir de uma imagem do conjunto (imagem-percepção, para Deleuze), conforme podemos ver na imagem 1, em que aparecem as três personagens presentes na narrativa:

Imagem1: Capa.



Fonte: SUS, 2020.

Após a imagem-percepção, surgem na sequência da cartilha, várias imagens-ação, que descortinam a “história”, ou seja, que ilustram o texto verbal, acompanhando-o e parafraseando-o por meio de planos americanos, ou seja, por meio de cortes que estabelecem planos médios, como no caso das ilustrações (Imagens 2 e 3) que seguem este parágrafo (a imagem-ação por assim ser definida como “o outro lado da imagem-movimento”; “a outra face da moeda”; “um fechamento da percepção”; “um fechamento do ponto de vista”; “reação que encurva o mundo”; “o que o corpo pode”; “ação”):

Imagens 2 e 3: Introdução do livreto.



Fonte: SUS, 2020.

A imagem 4 a seguir, revela uma outra faceta da imagem-movimento, ou dos clichês produzidos pelos esquemas sensório-motores, uma imagem que se encontra entre as imagens-percepção e as imagens-ação:

Imagem 4:



Fonte: SUS, 2020.

Temos, aqui, como dissemos, uma imagem que se localiza entre os dois tipos de imagem citados inicialmente, já que não se trata nem de um plano de conjunto nem de um plano médio, ou seja, temos quase uma imagem-afecção, tratando-se, na verdade de uma imagem-pulsão, em que o rosto aparece para marcar algo grave ou importante.

Esse tipo de sequenciação está presente não só em obras que objetivam a comunicação precisa e imediata, mas também na literatura mais contida e no cinema tradicional; já que tratam da exposição localizada precisamente no tempo e no espaço, ou, mais precisamente, de representações de ações controladas por informações sensório-motoras.

Entretanto, no caso de textos literários, mesmo que dominando a narrativa, a imagem-movimento, o conjunto dessas imagens descritas acima, não persiste só, pois a imagem-tempo, ou imagem-devir, estará também presente, ao menos no caso da literatura que apresente outras leituras do tempo, aquela que cria novos povos (ou da literatura propriamente dita), instigando o leitor ao devir.

As imagens-movimento coadunam com representações, com sentidos e com inclinações hermenêuticas; mas as imagens que almejam o devir, aquelas que compõem o conjunto chamado por Deleuze de imagem-tempo, convidam à apresentação, à experimentação e ao próprio devir.

Para Machado (2009, p. 280), a imagem-tempo apresenta uma dobra nas imagens-movimento, ou seja, uma relação direta com as diversas realidades; relaciona, destarte, o atual com o virtual, sendo uma “ci-

são em presente e passado, presente que passa e passado que se conserva: o tempo em sua diferenciação”.

Deleuze também chama a imagem-tempo de imagem-cristal:

O que constitui a imagem-cristal é a operação mais fundamental do tempo: já que o passado não se constitui depois do presente que ele foi, mas ao mesmo tempo, é preciso que o tempo se desdobre a cada instante em presente e passado, que por natureza diferem um do outro, ou, o que dá no mesmo, desdobre o presente em duas direções heterogêneas, uma se lançando em direção ao futuro e a outra caindo no passado. (2005, p. 102)

Por meio da literatura infantil, o encontro com imagens que possibilitem a vivência de outras durações no tempo, criará um entrelaçamento com o regime cristalino da imagem (o regime da imagem-tempo), capaz de dar passagem aos afetos e às afecções, aos perceptos e às percepções.

Leituras e experimentações com imagens-tempo darão, então, vazão a fluxos e a devires criativos, os quais, por sua vez, permitirão que o novo apareça; e, assim, de novo em novo, tudo poderá ser inventado.

E novos serão também os sentidos, já que, compostos por rizomas ou por convergências rizomáticas com corpos sem órgãos (corpos não organizados – corpos energéticos – corpos intuitivos), não serão oriundos de representações e de interpretações, mas brotarão como metamorfoses e devires (discursos mutantes), sem organicidades impostas por linhas duras e institucionalizadas de maneira opressora (como veremos em outras linhas deste texto).

3. Leituras, sentidos e devires

Algumas citações de Deleuze nos ajudam a experimentar esta porção de nosso texto, vivenciando-o na busca pelo devir: “ler um texto não é nunca um exercício erudito em busca dos significados, menos ainda um exercício altamente textual em busca de um significante” (2010, p. 139), não mesmo; ler um texto é “um uso produtivo da máquina literária, uma montagem de máquinas desejanter, exercício esquizoide que retira do texto sua potência revolucionária” (*Id., ibid.*).

E ainda:

É que há duas maneiras de ler um livro. Podemos considerá-lo como uma caixa que remete a um dentro, e então vamos buscar seu significado, e aí, se formos ainda mais perversos ou corrompidos, partimos em busca do significante. E trataremos o livro seguinte como uma caixa contida na precedente, ou contendo-a por sua vez. E comentaremos, interpretaremos, pediremos explicações, escreveremos o livro do livro, ao infinito. Ou a outra maneira: consideramos um livro como uma pequena máquina a-significante; o único problema é: ‘isso funciona, e como é que funciona?’ Como isso funciona para você? Se não funciona, se nada passa, pegue outro livro. Essa outra leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar. É do tipo ligação elétrica. (DELEUZE, 2000, p. 16 e 17)

Ler e ler. Podemos escolher qual será a nossa leitura: a busca do sentido instigado pelo autor; ou a ligação elétrica – exercício esquizoide que retira do texto sua potência e seus fluxos de fuga.

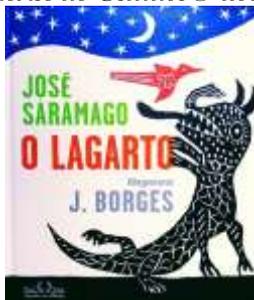
Caso o leitor opte pela segunda opção, pela experimentação esquizoide, toda a sua ideia de leitura sofrerá abalos e agitações, pois não se tratará mais da busca de um sentido original, da procura das intenções significativas do autor. O sentido será, então, sempre algo novo; a depender de quem estiver lendo.

Ora, para Deleuze, o sentido é não-senso; logo, paradoxal. E as conjunções resultantes da leitura rizomática acontecerão a partir da experimentação dos acontecimentos textuais, ou seja, das qualidades, das ações e das relações apresentadas no texto, e não de suas substantivações. Caso ocorram, ainda, as imagens-devir, também serão igualmente importantes as cristalizações mnemônicas e especulares.

Corramos, agora, aos paradoxos mutantes e especulares do ‘lagarto’.

4. “O Lagarto”

O lagarto foi publicado originalmente em um jornal português, como crônica, e, depois, ainda como crônica, num livro intitulado “A Bagagem do Viajante – Crônicas”. Porém, aqui, nesta edição da ‘Companhia das Letrinhas’, aparece como conto; e é assim que o leremos neste pequeno artigo.



Fonte: Saramago, 2016.

A obra nasceu por iniciativa do editor Alejandro García Schnetzer; sendo convidado a ilustrá-la o pernambucano J. Borges, um dos grandes xilógrafos brasileiros.

Trata-se, segundo Saramago, de uma história de fadas, em que um grande lagarto verde (verde?) aparece certo dia no Chiado. E, citando a cor do lagarto, começemos a nossa leitura – a nossa busca pela comunhão com corpos sem órgãos: por sua arte, Saramago e Borges querem com certeza fugir dos clichês. Tanto que para o escritor, o lagarto é verde, como dissemos; para o ilustrador, preto, vermelho, marrom e preto novamente. Essa fuga da relação simétrica e especular entre o verbal e o não verbal não aparece nesta obra.



Fonte: Saramago, 2016.

A falta de relações simétricas entre verbal e não verbal, aparece também na primeira página da obra, em que o título, *O Lagarto*, aparece ilustrado por um pássaro vermelho, que depois conheceremos branco por meio do texto do escritor.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Na página seguinte, encontramos o lagarto preto, que é verde, e que também será vermelho, e até marrom. Encontramos a primeira imagem cristal, que, mesmo com elementos distintos, apresenta-se como irredutível em sua unidade transdutiva, ou seja, na sua unidade indivisível de uma imagem atual e de sua imagem virtual (DELEUZE, 2005). A imagem-cristal é presente e passada, isto é, ainda presente e já passada.



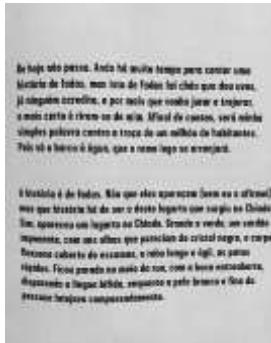
Fonte: Saramago, 2016.

Entremos mais precisamente na conjunção textual:



Fonte: Saramago, 2016.

Temos o lagarto no Chiado e a primeira página verbalizada por Saramago; temos um grande lagarto negro alcunhado também de verde. Percebemo-lo, então, mais como fluxo do que como reificação – “O lagarto” é pura mutação discursiva, como veremos mais adiante.



Fonte: Saramago, 2016.

Destaquemos o segundo parágrafo da narrativa:

A história é de fadas. Não que elas apareçam (nem eu o afirmei), mas que história há de ser a deste lagarto que surgiu no Chiado? Sim, apareceu um lagarto no Chiado. Grande e verde, um sardão imponente, com uns olhos que pareciam de cristal negro, o corpo flexuoso coberto de escamas, o rabo longo e ágil, as patas rápidas. Ficou parado no meio da rua, com a boca entreaberta, disparando a língua bífida, enquanto a pele branca e fina do pescoço latejava compassadamente.

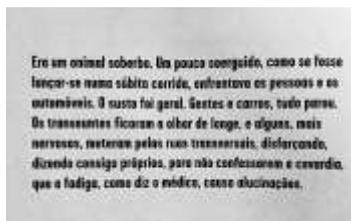
O lagarto verde, negro, vermelho, mulher e animal é fluxo metamórfico; é imagem-cristal ou imagem-devir ou imagem-tempo, fugindo do regime sensório-motor das imagens narrativas tradicionais, chamadas por Deleuze, como já dissemos, de imagens-movimento. Ora, nossas criações sempre contarão o que os movimentos e os tempos de suas imagens lhe fizerem contar: se o movimento receber sua regra de um esquema sensório-motor, isto é, apresentar uma personagem que reage a uma situação, então haverá uma história. Se, ao contrário, o esquema sensório-motor desmoronar, em favor de movimentos não orientados, desconexos, serão outras formas de apresentar a narrativa, mais devires que histórias (DELEUZE, 2005).

O lagarto, agora vermelho, era um animal soberbo; que trouxe susto e alucinações.



Fonte: Saramago, 2016.

O que pode ser lido na ampliação do texto:



Fonte: Saramago, 2016.

O lagarto, com seus fluxos, fluuava no asfalto negro, transmutando-se em mulher, assistando a velha e deixando os automóveis vazios e em ponto morto.



Fonte: Saramago, 2016.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Não foi preciso muito, nem mais nada: a rua ficou deserta; e a rapariga que vendia violetas, largando o seu cesto, deixou que as flores rolassem pelo chão, cercado o animal no seu devir-mulher, aprisionando-o de aromas.

Nesta página vemos novamente o pássaro da primeira página do livro e armas com soldados e correrias; e o lagarto, ainda em seu devir-mulher, assusta-se da mesma forma que assusta.



Fonte: Saramago, 2016.

O pânico continua; pessoas correm armadas e desarmadas em alucinações cinzas.



Fonte: Saramago, 2016.

As armas são dirigidas ao lagarto, novamente em seu devir-vermelho sanguíneo; das janelas brotam raivas, gritos e punhais. O pobre animal ressoa a dor.

E as fadas?

Cadê?



Fonte: Saramago, 2016.

Uma esquadrilha, a força aérea surge nos céus lisboetas, observando tudo. E as fadas?



Fonte: Saramago, 2016.

O pássaro aparece novamente, desta vez vermelho, e a história está quase acabando; chegamos, pois à intervenção indireta das fadas.



Fonte: Saramago, 2016.

E o lagarto, pelas fadas, por seu devir-intervenção, transformou-se em rosa rubra, cor mesmo de sangue, sobre o asfalto negro, como ferida. Houve hesitação, todos pararam.



Fonte: Saramago, 2016.

E a rosa foi crescendo, na direção imaginária do pássaro negro.



Fonte: Saramago, 2016.

E, após abrir as pétalas, depois de lavar de perfume as fachadas encardidas dos prédios, a rosa moveu-se rapidamente, tornando-se branca, devindo pássaro – pomba branca, volátil e rosa com asas.

E o passado do lagarto não se constitui no conto depois do presente que foi, pois na ilustração compõem juntos, presente, passado e futuro, um devir-imagem, ou imagem-devir, que se desdobra em presente, passado e futuro; e que, por sua natureza diferem um do outro, ou um ao outro – lagarto, rosa e pomba.

No cristal, na imagem-cristal ou imagem-devir, o tempo faz passar todo o presente, conservando todo o passado. O ser se torna devir, devir de fases. E, sendo devir, é verdade; donde, no conto, ser mais verdadeiro o lagarto virando rosa e se metamorfoseando em pomba, do que o restante da narração, ou seja, as armas, os aviões, os punhais e as alucinações do povo.

As imagens deixam de ser apenas signos, metamorfoseando-se em ideias sem órgãos, ou em línguas de devêm ovos, por serem puras energias; o que remete à infância, ou, mais precisamente, aos bebês. Ora, bebês são energias, e crianças são artistas que criam e que mantêm perceptos como conjuntos de sensações.

Bebês têm asas nos ovos, e era uma vez um ovo com asinhas! A gente acorda um dia e, como Kafka, percebe a metamorfose: vislumbra a mudança e experimenta o que é ser um ovo alado. “E estas asas?”, “Eu sou um ovo?”, “E alado?” “E o que fazer com as minhas novas asas?”; até que uma voz canta e responde dentro da gente: “Use-as!”, “Basta que sejam vivenciadas com e como energias!”, “BASTA QUE APRENDA A VOAR!”. É necessário que acordemos e percebamos que somos capazes de leituras aladas e sem órgãos.

A leitura, se assim for feita, será intensa, como afirma Malufe:

O uso produtivo ou a experimentação é, ainda, o que Deleuze chamará de uma leitura em intensidade, aquela que faz passar algo, que não é da ordem da significação, apenas, ou da compreensão. Ler literalmente seria, a partir dessa perspectiva, algo distante do entendimento, como para Blanchot: “Ler, no sentido da leitura literária, não é sequer um movimento puro de compreensão, o entendimento que manteria o sentido, perseguindo-o com insistência. Ler situa-se aquém ou além da compreensão”. Ler tampouco é descobrir a obra única que estaria por detrás, diz Blanchot. Esse outro modo de ler, para Deleuze, é o que considera o livro como uma maquinaria sem significado prévio, com o qual posso me acoplar e criar novos sentidos, novos percursos. (MALUFE, 2017, 80)

Caso, a opção seja pela leitura com órgãos, a ação não alcançará os perceptos ou o conjunto de sensações, restando quase nada, apenas entretenimento. E, assim, a imagem não será vivenciada como complexo de forças em conjunção rizomática de signos que afetam e que criam variações sensíveis de potência.

5. *Considerações*

O Lagarto fez história, primeiro em livro de crônicas, depois em edição portuguesa de livro infantil e, mais tarde, em edição brasileira, também dirigida para o público infantil. O lagarto que era verde, virou vermelho, transformou-se em mulher, pintou-se de negro, metamorfoseou-se em rosa e mudou-se em pomba – mutante que era. Seu tempo se emancipou, virou imagem, virou rizoma, virou emaranhado de linhas e de platôs; passando a coexistir como presente que não para de passar e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

como passado que não para de ser, mas pelo qual todos os presentes passam (DELEUZE, 1999).

O lagarto é grande, mas não é uma grande metáfora, é um grande discurso indireto livre; cabendo ao leitor encontrar e conjugar seus fluxos com os dele, do lagarto: suas simpatias, seus rizomas; enfim, suas experimentações e seus devires.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo: 34, 1999.

_____. *Conversações*. São Paulo: 34, 2000.

_____. *Imagem-tempo*. São Paulo: 34, 2005.

_____; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*. São Paulo: 34, 2010.

MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MALUFE, A. C. Interpretar? Deslocar, multiplicar (Nietzsche, Foucault e o sentido em Deleuze). *Viso – Cadernos de estética aplicada*, n. 20, jan-jun/2017.

NASCIMENTO, A. R. do. Janelas de experiências: entre obras e lagartos. *Revista Abusões*, ano 03, v. 05, n. 05, 2017.

NOGUEIRA, C. ‘Ando há muito tempo para contar uma história de fadas’: *O Lagarto*, de José Saramago. *O conto: o cânone e as margens*. <https://blogs.ua.pt/conto/index.php/pt/2016/07/19/o-conto-o-canone-e-as-margens/>.

RODRIGUES, S. M.; FONSECA-SILVA, M. da C. “O cinema por Deleuze: imagem, tempo e memória. VI *ENECULT – encontros de estudos multidisciplinares da cultura*. Salvador, 2010

SARAMAGO, J. *O lagarto*. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2016.

Outra fonte

SUS. *Coronavírus – vamos nos proteger*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.